



Caderneta Agroecológica e Feminismo: o que os quintais produtivos da Zona da Mata têm a nos dizer.

Lopes Neto, Antônio Augusto Lopes Neto; Lopes, Isabel de Luanda; Feital, Auxiliadora

Cento de Tecnologias Alternativas da Zona Mata – CTA/ZM, guto@ctazm.org.br

Seção Temática: Gênero e Agroecologia

Resumo

A caderneta é um instrumento político-pedagógico que busca dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, consolidando o debate feminista acerca das condições de precariedade e inferioridade que as mulheres camponesas se encontram. Esse estudo procurou, durante o período de um ano, registrar a produtividade dos quintais, tanto do ponto de vista de geração de renda, quanto da produção de alimentos ofertados pela agricultura familiar. O objetivo, portanto, foi romper com a visão da economia clássica de que esses espaços protagonizados pelas mulheres camponesas não produzem riqueza e apresentar os quintais como um espaço rico, que gera produtos e serviços para as famílias camponesas.

Palavras-chave: Feminismo, Agroecologia, Caderneta Agroecológica, Quintais Produtivos.

Abstract: The book is a political-pedagogical tool that seeks visibility to the gender debate in rural areas, consolidating the feminist debate about the state of insecurity and inferiority that rural women are. This study sought during the period of one year, record the productivity of yards, from the point of view of income generation, when food production offered by family farmers. The goal, therefore, was to break with the vision of classical economics that these spaces perpetrated by women farmers do not produce wealth and present backyards as a rich space that makes products and services for peasant families.

Keywords: Feminism, Agroecology, Booklet Agroecology, Backyards Productive

Introdução

As mulheres inventaram a agroecologia, permitindo a existência de uma infinidade de animais e plantas que hoje compõem nossa alimentação das mais variadas formas e cores. Esses alimentos são fruto do conhecimento produzido por elas a partir da experiência concreta do contato com a natureza.

Este conhecimento, essencial para a reprodução da vida, vem sendo, sistematicamente, negligenciado pelo pensamento dominante ao ser substituído por uma racionalidade hegemônica e seu modo “particular” de produzir conhecimento,



acarretando na homogeneização e uniformização da produção alimentar, que, por conseguinte, tem causado a fome e a insegurança alimentar de milhões de pessoas.

Esse pensamento moderno, que é machista e patriarcal, impôs uma divisão sexual do trabalho que segrega e hierarquiza, submetendo e invisibilizando as mulheres, que assumem condições de trabalhos degradantes, naturalizadas pelas relações sociais dominantes.

É fato que as mulheres estão presentes em todas as atividades produtivas e não produtivas, agrícolas ou não-agrícolas. Isto é, há um amplo leque de contribuições feitas pelas mulheres que simplesmente não são reconhecidos como trabalho e, portanto, não são contabilizadas dentro da lógica mercantil que rege os mercados formais. Nesse sentido, os espaços ocupados pelas mulheres aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição àqueles espaços onde os homens estão presentes.

Os quintais produtivos, por exemplo, são vistos como extensão do espaço doméstico e não são percebidos enquanto espaços produtivos, já que não geram riquezas, como afirma a econômica clássica. Os quintais produzem para o autoconsumo, para manutenção das famílias durante os períodos de escassez, para garantir a soberania alimentar das famílias, mas não para o mercado. Assim, a invisibilidade da produção nos quintais parte do não reconhecimento do trabalho realizado no território privado, sendo esse historicamente reconhecido como de dever das mulheres.

A estrutura social dos gêneros organiza o trabalho doméstico como dever e obrigação das mulheres. Dessa forma, são naturalizados e por consequência, invisibilizados. Assim como o trabalho doméstico, a produção dos quintais é naturalizada e passam despercebidas na composição de renda da família.

A contribuição desse trabalho se insere justamente dentro desse espectro, e esse resumo propõe apresentar a experiência da caderneta agroecológica, trabalho realizado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA/ZM, que



permiti, entre outras coisas, dar visibilidade ao debate de gênero no meio rural, consolidando o debate feminista acerca das condições de precariedade e inferioridade que as mulheres camponesas se encontram.

Nos apoiamos na crítica da economia feminista, que incorpora o trabalho doméstico e de cuidados na análise do sistema socioeconômico como parte de um conceito de economia centrado na sustentabilidade da vida humana e não apenas nas relações de mercado. Com isso, contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres e reconhece o trabalho não remunerado feito por elas como parte de um mecanismo que as oprime e explora.

Metodologia

A caderneta agroecológica é um instrumento para o monitoramento da renda monetária e não monetária das mulheres rurais, a partir do trabalho protagonizado por elas na propriedade. Além do monitoramento da renda, tem como objetivo reconhecer o trabalho realizado pelas mulheres e dar visibilidade à sua contribuição econômica, muitas vezes invisível para a família, agentes de Ater, órgãos do governo e para o sistema financeiro. É o caso da produção para o autoconsumo que, apesar de fundamental para a segurança alimentar e para a economia da família, contribuiu para reduzir o que se compra fora, ficando invisível para a família e para a sociedade.

A princípio, o monitoramento foi proposto para ser realizado durante o período de um ano agrícola, iniciando-se em janeiro de 2014 até janeiro de 2015, sendo realizada uma média de três visitas a cada uma das 64 mulheres monitoradas, distribuídas em 11 municípios.

Resultados e discussões

A etapa de sistematização das informações levantadas no monitoramento das Cadernetas Agroecológicas adotadas pelas mulheres na Zona da Mata de MG, considerando o universo de 64 mulheres envolvidas diretamente nesta atividade, ainda não foi totalmente concluída, mas já é possível inferir algumas constatações, em função do processo de acompanhamento e monitoramento, bem como das



reflexões produzidas coletivamente pela equipe e nos momentos coletivos realizados com as mulheres.

Quanto à renda não monetária, gerada pela produção para o autoconsumo, pode-se afirmar que, em média cerca de 70% de todos os produtos utilizados mensalmente são provenientes principalmente da produção das hortas, responsável por prover a maior parte da alimentação das famílias monitoradas.

Por sua vez, a renda monetária oriunda da venda dos gêneros alimentícios produzidos nesses quintais supera em muito o valor para o autoconsumo e, em algumas famílias, esta tem sido a principal fonte de renda.

É possível notar nesses subsistemas a enorme diversidade biológica, que só é possível graças ao refinado trabalho de manejo protagonizado pelas mulheres. Em uma contagem superficial podemos enumerar mais de 120 espécies diferentes que formam um sistema complexo e integrado entre hortaliças, plantas medicinais, flores e árvores frutíferas, sem contar os pequenos animais.

Quanto ao manejo é possível observar o uso de diferentes e variadas práticas agroecológicas pelas mulheres como o uso de cobertura morta, adubação orgânica, uso de caldas caseiras, homeopatia aplicada à família e também à agricultura, uso responsável das fontes de energia e rotação de cultura.

Também observamos algumas dificuldades enfrentadas para manter os quintais funcionando, que é comum a quase todas as mulheres monitoradas. O acesso aos insumos como esterco, húmus, sementes e mudas se destacam. A maioria das mulheres não tem uma fonte segura de esterco ou húmus, devido ao manejo convencional do gado na região, sendo obrigadas a comprar ou deixar de usar. No caso das sementes e mudas, muitas não conseguem produzir na propriedade, sendo necessário adquirir as versões convencionais dessas.

Os efeitos das secas prolongadas na região também têm influenciado negativamente sobre a produção dos quintais, reduzindo a produtividade. Por outro lado, tem estimulado as discussões em torno do uso de tecnologias, adequadas à realidade das famílias, para o manejo dos recursos hídricos e enfrentamento dos efeitos das mudanças climáticas na região.



Outro aspecto constatado nas reflexões realizadas com as mulheres é a diminuição no cultivo de hortaliças não convencionais e uma tendência à padronização dos tipos de plantas cultivadas, especialmente nas famílias que comercializam para o PAA ou PNAE, interferindo na diversidade de alimentos produzidos nas hortas.

Por fim o acesso aos mercados ainda é restrito e, apesar da comercialização ser muito presente, a renda gerada ainda é pequena em vista da quantidade de coisas produzidas e boa parte da produção se perde nos quintais. Além disso, de modo geral, as mulheres ainda não dominam a relação com o mercado e estratégias de comercialização diversificadas ou não conseguem agregar valor a esses produtos.

Conclusões

Primeiramente, é evidente a importância dos quintais na produção de alimentos e na saúde da família, além da geração de renda. Também se constatou que as mulheres têm sido fundamental para o manejo agroecológico dos quintais e para a manutenção desses subsistemas funcionando e com o processo de sistematização em curso, será possível qualificar tais informações e quantificá-las, de modo que possam subsidiar debates sobre políticas públicas voltadas especificamente às mulheres rurais, a exemplo da Ater, Crédito Rural, Mercados Institucionais etc.

Um dado importante é que tais reflexões também estão alimentando um processo interno de planejamento das ações do CTA/ZM.